

A Mulher Negra na Televisão: “O Sexo e as Negas” e o Racismo no Protagonismo da Rede Globo¹

Samara Araújo da Silva ²

Eugene Oliveira Franklin ³

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

Resumo

Devido ao seu caráter internacional, a série está presente no mundo inteiro. É de extrema relevância o fato da ficção seriada influenciar nas concepções de representações sociais, atingindo diretamente a visão que temos sobre nós e também do outro. Questiona-se até que ponto a escolha de atrizes negras como protagonistas de uma série da Rede Globo de nome “O Sexo e as Negas” tenha sido de fato uma conquista de espaço na televisão. Até que ponto as personagens tiveram uma narrativa positiva fora de estereótipos comuns em tais representações do negro. Se realmente a mulher negra não se mantém vista e apresentada como no período escravocrata a mercê dos desejos sexuais de seus patrões dentro de um hipersexualismo constante. O presente trabalho tem intenção de discutir como a mulher negra é representada na teledramaturgia com foco nas personagens do seriado “O Sexo e as Negas”.

Palavras-chave: Ficção Seriada; Séries; Teledramaturgia; Mulher Negra; Esteriótipos.

Introdução

A representação da negritude brasileira no produto televisivo teve avanços, contudo, ainda reforça estereótipos. O negro, na maioria das vezes, continua no papel subalterno, realizando ofícios braçais, envolto ao sexismo, reforçando a ideia de uma inferioridade intelectual, o que enaltece o embranquecimento. O retrato da mulher negra na televisão tem relação direta com a imagem da negra forjada no período escravocrata. O corpo negro é culturalmente hiper-sexualizado, o que o coloca como um objeto sempre disponível, uma transa exótica. É sedutora, pecaminosa, não é vista como mulher descente apta a um relacionamento nos padrões da monogomia. A que cor a Rede Globo se referiu ao exibir uma novela com o nome “Da cor do pecado”? É por esses dados que se torna necessário a

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Cinema e Audiovisual, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da UFOP, email: samaraaraujo77@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Mestre em mídias sociais pela UFJF, email: eugenefrancklin@gmail.com

discussão do racismo “embutido”, como acontece na representação das quatro mulheres negras que compõem a série “Sexo e as Negas.

A metodologia empregada no estudo parte da análise da série com foco em alguns episódios e cenas em que se pode indentificar situações de racismo, estereotipação, sexismo exacerbado e, assédio, entre outros pontos. A questão principal é como essas violências foram abordadas pela trama, se de fato existiu problematização nas cenas, se elas foram produzidas por um viés crítico ou se simplesmente foi mantido a imagem subalterna do negro, comum em outras representações midiáticas. É levado em conta a repercussão da série e como o público recebeu os episódios.

A mulher negra

A mulher negra brasileira carrega uma carga histórica em seu corpo. Há muitos séculos escuta que seu papel é o de mulata, hipersexualizada. É vítima de uma hostilidade de raízes seculares. Durante o período escravocrata eram obrigadas a manter relações sexuais com seus senhores e outros homens que faziam parte do círculo da escravidão. A herança desse período ainda resiste por meio da extrema sexualização e violência contra o corpo negro.

Não é necessário voltar muito no tempo para se deparar com campanhas racistas, machistas e misóginas que ainda hoje tratam a mulher negra como objeto, comparando seu corpo a um produto que pode ser facilmente adquirido e consumido. Um dos exemplos foi os lançamentos das cervejas, uma da empresa Moçambicana “Laurentina” que dizia em sua campanha *“Essa preta foi de boa para melhor. Agora com uma garrafa mais sexy”* e a Cervejaria “Devassa”, que sua cerveja preta foi vendida com o slogan: *“É pelo corpo que se reconhece a verdadeira negra”*. A Devassa veiculou o anúncio nos anos de 2010 e 2011 e, devido às reclamações e críticas, o Ministério da Justiça e consumidores de diversas regiões do Brasil abriram processos⁴ contra a Brasil Kirin, antiga Schincariol. A Brasil Kirin se defendeu negando que a propaganda seja abusiva e alegando que nem mesmo o CONAR⁵ recomendou a suspensão da propaganda, mas apenas a alteração da mesma.

⁴ PROCESSO. É pelo corpo que se reconhece a verdadeira negra. Disponível em: <http://www.conar.org.br/processos/detcaso.php?id=194>

⁵ CONAR. Conselho Nacional de Auto-Regulamentação Publicitária



Fonte: Página da Revista Exame⁶.



Fonte: Blog Olá Moçambique ⁷.

Outros tipos de violência são comuns e muitas vezes normalizadas e reafirmadas em cima de estereótipos. Na área da saúde existe um alto índice de denúncias com relação às violências obstétricas, o índice é gritantemente se comparado às mulheres brancas. Dissemina-se a ideia de que a negra é mais forte, mais resistente do que as demais mulheres. Além do mais o termo “mulata” utilizado para enfatizar a beleza negra faz

⁶ Disponível em: <http://exame.abril.com.br/marketing/noticias/devassa-pode-ser-multada-em-6-milhoes-por-propaganda-abusiva>

⁷ Disponível em: <https://olamocambique.wordpress.com/2013/07/29/laurentina-preta-a-melhor-cerveja-preta-de-africa/>

referência a um animal de carga, a mula. Em sua maioria as denúncias se encaixam no não recebimento de anestesia no procedimento do parto⁸.

A prematuridade infantil também está relacionada à raça, cor e etnia. A maior porcentagem de prematuros nascidos vivos são de bebês indígenas e negros. Assim como a taxa de mortalidade e desnutrição. Dados do relatório “Saúde Brasil 2005: Uma análise da situação de saúde no Brasil”, realizado pelo Ministério da Saúde, destacam que:

O risco de uma criança preta ou parda morrer antes dos 5 anos por causas infecciosas e parasitárias é 60% maior do que o de uma criança branca. Também o risco de morte por desnutrição apresenta diferenças alarmantes, sendo 90% maior entre crianças pretas e pardas que entre brancas (BRASIL, 2005, p.120).

A mãe negra também é vítima da sociedade, pois vê diariamente o genocídio de seus filhos, jovens, negros e periféricos. Não se toma medidas efetivas quando mais um jovem negro é morto, afinal, a mulher negra e periférica é vista como grande procriadora e mãe de muitos outros filhos. Existe uma banalização de seus sentimentos e o aumento das estatísticas persiste. Ainda de acordo com os dados do relatório do Ministério da Saúde, se:

prevalecem os diferenciais de raça, cor e etnia, quando a análise está centrada na proporção de óbitos por causas externas. O risco de uma pessoa negra morrer por causa externa é 56% maior que o de uma pessoa branca; no caso de um homem negro, o risco é 70% maior que o de um homem branco. No geral, o risco de morte por homicídios foi maior nas populações negra e parda, independentemente do sexo (BRASIL, 2005, p.77).

A mulher negra na televisão

O negro quando representado na teledramaturgia, na maioria das vezes, é representado em papéis subalternos, negativos, subordinados a pessoas brancas, empregados, com baixa renda, má índole e tendo seu corpo em destaque com aspectos de sensualidade e demais estereótipos. É notável o aumento de negros que interpretam personagens com poder aquisitivo e fora dos seguimentos citados, contudo, se comparado ao número de person-

⁸ Dados do Ministério da Saúde indicam que uma mulher negra recebe menos tempo de atendimento médico do que uma mulher branca. Os números mostram que, enquanto 46,2% das mulheres brancas tiveram acompanhamento no parto, apenas 27% das negras utilizaram esse direito. Outro levantamento revela que 77,7% das mulheres brancas foram orientadas sobre a importância do aleitamento materno, enquanto, 62,5% das mulheres negras receberam essa informação (BRASIL, 2005).

gens interpretados por atores e atrizes de pele branca, ainda existe uma imensa discrepância. De acordo com Lima:

Desde os anos 70 as telenovelas têm apresentado personagens negros de certa projeção social, representados por bons atores, mas que não têm, na trama, história própria, nem família, nem núcleo social: são as personagens soltas. Estão nessa situação uma galeria de padres, juízes, promotores, donos de estabelecimentos comerciais, etc. O início desta pesquisa, como já foi dito acima, elege a novela Pecado Capital, na qual Milton Gonçalves, ator negro consagrado, representa um psiquiatra, com essas características mencionadas. Nas palavras do ator, em depoimento pessoal para a pesquisa, “o primeiro personagem negro de terno e gravata”, mas sem identidade própria, situação que permanece até os anos 90. (LIMA, 2001, p.92)

O escritor Joel Zito Araújo em seu livro “A negação do Brasil”, também realiza um estudo sobre a presença e a representação do negro na trajetória da teledramaturgia no Brasil, levantando uma série de dados e depoimentos de atores que sentiram na pele o preconceito racial e o ideal de branqueamento. De acordo com o autor:

Em poucos trabalhos identificamos atores negros nos papéis principais, de protagonistas ou antagonistas. [...] Se o personagem criado pelo autor não receber, na sinopse, referências sobre o seu pertencimento racial, o ator branco tende a ser escolhido. O afro-descendente só terá a sua oportunidade assegurada se existirem rubricas que evidenciem a necessidade de um ator negro. Se na construção do personagem for destacado um tratamento estereotipado, recorrendo aos arquétipos da subalternidade na sociedade brasileira, aumenta a possibilidade de construção para o ator negro. De um modo geral, ao ator afro-brasileiro estão reservados os personagens sem, ou quase sem, ação, os personagens passageiros, decorativos, que buscam compor o espaço da domesticidade, ou da realidade das ruas, em especial das favelas. (ARAÚJO, 2004, p.57)

A ficção seriada pode contribuir na construção da realidade, memória e identidade social. A mulher negra na televisão é, em sua maioria, apresentada de uma maneira inferior e estereotipada, exercendo profissões de valor social pouco reconhecido ou como símbolo de hipersexualismo. De acordo com Ferrés, “a exposição constante a imagens estereotipadas da realidade leva à construção de algumas representações mentais da realidade igualmente estereotipadas”. (1998, p.140)

A mulher negra também sofre uma espécie de rejeição, ela raramente é vista em representações midiáticas como revistas, novelas e comerciais, que quase sempre são estampados por mulheres loiras e brancas, nos “padrões” sociais mais aceitos dentro da cultura do embranquecimento. Seu corpo possui uma carga histórica da escravidão, que ainda prevalece. O corpo negro é tido como exótico, pecaminoso, “Da cor do pecado”, diferente, ligado ao sexo e ao racismo, que classifica a mulher negra como não aptas para relacionamentos monogâmicos ou matrimônio⁹. A partir desse tipo de esteriotipização e inferirização, a população afrodecendente sofre as mais diversas formas de discriminação pelos discursos racistas presentes na sociedade. De acordo com Bhabha:

O ato de estereotipar não é o estabelecimento de uma falsa imagem que se torna bode expiatório de práticas discriminatórias. É um texto muito mais ambivalente de projeção e introjeção, estratégias metafóricas e metonímicas, deslocamento, sobredeterminação, culpa, agressividade, o mascaramento e cisão de saberes “oficiais” fantasmáticos para construir as posicionalidades e oposicionalidades do discurso racista. (BHABHA, 2005, p. 125).

“Sexo e as Negas”

A televisão brasileira, desde sua inauguração, produziu séries e programas seriados de teledramaturgia. O programa classificado como série pode servir para todos os tipos de público, variando o seu conteúdo. Em sua primeira fase, o sucesso “Alô, Doçura!” foi exibida pela Tupi durante onze anos. Em meados da década de 60 e 70, o destaque ficou por conta das séries de aventuras como “Falcão Negro” e “O Vigilante Rodoviário”, humorísticas, onde tiveram destaque “Família Trapo” e “A Grande Família”, e infantis, como “Shazan” e “Xerife e Cia”, e versões do “Sítio do Pica-Pau Amarelo”, produzidas pelas TV Tupi, Cultura, Bandeirantes e Globo, que se tornou produtora de séries no horário nobre a partir de 1979. As primeiras séries produzidas nessa vertente foram “Malu Mulher”, “Carga Pesada” e “Plantão de Polícia”.

Na década de 2000, deu-se a popularização, principalmente pela TVs à cabo, das séries americanas no Brasil. Na oportunidade, as emissoras brasileiras de TV lançaram-se na

⁹ No último Censo, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, dados sobre a mulher negra brasileira chamaram a atenção. O levantamento apontava que, à época, mais da metade delas – 52,52% – não vivia em união, independentemente do estado civil. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados_preliminares_amostra/notas_resultados_preliminares_amostra.pdf

produção do gênero. A Rede Globo investiu em temáticas variadas, principalmente dramas e humorísticos como “Os Normais” e a nova versão de “Grande Família”. Sobre a produção de séries pelas emissoras brasileiras, Souza afirma que:

Atualmente, o principal produto da ficção seriada nacional é a telenovela, contudo, outros programas como séries, minisséries e sitcoms (comédia de situação ou comédia de costumes) disputam espaço na grade de programação da televisão. Após muito importar séries e sitcoms, as redes de televisão nacional resolveram testar as suas habilidades em produzir programas que apresentem a comichidade do cotidiano, pondo à prova a irreverência dos personagens e o humor dos diálogos. Assim, a TV brasileira mostra que adaptou os gêneros de maior sucesso nos Estados Unidos, investindo em combinações que atraíam o telespectador sem perder o caráter multinacional característico destes gêneros (SOUZA, 2004, p.118).

“Sexo e as Negas” é uma série televisiva produzida pela Rede Globo, que foi exibida entre 16 de setembro a 16 de dezembro de 2014. Inspirada na série americana “Sex and The City”¹⁰, “Sexo e As Negas” conta as histórias e aventuras de quatro amigas negras. Ao todo são 13 episódios escritos por Alessandra Poggi, Antônia Pellegrino, Artur Xexéo, Flávio Marinho, Luiz Carlos Góes, com roteiro final de Miguel Falabella. As quatro protagonistas negras recebem o nome de Zulma, Tilde, Lia e Soraia.

A temática da série gira em torno dos relacionamentos amorosos e sexuais das personagens citadas. Outro aspecto da produção se dá pela incursão de pequenos musicais interpretados pelas protagonistas ao fim de cada episódio onde cantam clássicos da música negra norte americana em versões nacionais. A série foi acusada de retratar os negros de maneira estereotipada. Diante da repercussão negativa e descontentamento a SEPPIR (Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Social) realizou a abertura de um processo¹¹ no qual investiga as denúncias de racismo recebidas. O programa também foi alvo de denúncias na Secretaria de Políticas para Mulher da Presidência.

A série foi idealizada pelo ator, escritor e dramaturgo Miguel Falabella, que desenvolve projetos na Rede Globo desde 1982 e é conhecido por seus personagens cômicos, tanto no teatro, quanto na televisão. Diante da insatisfação e denúncias que a obra recebeu,

¹⁰ Baseado no livro da escritora Candice Bushnelle narrada por uma das quatro personagens, a série mostra a vida de quatro amigas solteiras e bem sucedidas de Nova York, esboçando os lugares e papéis desempenhados pela mulher na sociedade contemporânea

¹¹ SEPPIR. Relatório de Gestão 2014. Disponível em: <http://www.seppir.gov.br/sobre-2/relatorios-de-gestao/relatoriodegestao2014.pdf/view>

a revista Ego setembro de 2014, realizou uma entrevista com Miguel, e em sua defesa ele disse as seguintes palavras:

Como é que saem por aí pedindo boicote ao programa, como os antigos capitães do mato que perseguiram seus irmãos fugidos? O negro mais uma vez volta as costas ao negro. Que espécie de pensamento é esse? Não sei o que é mais assustador. Se o pré-julgamento ou se a falta de humor”. Ainda questionado na entrevista sobre a história e aceitação da série ele conclui com a seguinte fala “Que bobagem é essa? Pois é justamente sobre isso que a série quer falar! Sobre guetos, sobre cotas, sobre mitos! Destrinchá-los na medida do possível! Os mitos e lendas que nos são enfiados goela abaixo a vida toda. Da negra fogosa, do negro de pau grande, das mazelas que os anos de colônia extrativista e escravocrata deixaram crescer entre nós. (FALABELLA, 2014)

Na ocasião, o deputado federal do Rio de Janeiro Jean Wyllys (PSOL) acompanhado de alguns atores da emissora negros, como o respeitado ator Milton Gonçalves, saiu em defesa da série global “Sexo e as Negas”. O parlamentar, ao contrário de algumas lideranças de seu partido, não acredita que a produção seja racista e sexista. Jean Wyllys foi intensamente criticado após a seguinte declaração: “O Miguel Falabella, nessa série, denuncia o racismo”. O deputado se retratou em declaração posterior ao acontecido.

As cenas

No primeiro episódio, as personagens, Zulma, Tilde, Lia e Soraia se juntam para comprar um carro. Logo percebem que não possuem poder aquisitivo para adquirir o carro escolhido e partem para outro veículo. No momento de escolha, umas das personagens, Soraia, afirma: “Esse carro aí não deve nem andar, Lia. Só deve pegar na porrada”. Em seguida a personagem Zulma responde: “quatro pretas dentro dessa lata velha, vamos ser paradas em tudo quanto é blitz”. Zulma trabalha para uma mulher branca e rica, Leonor Canhoto interpretada pela atriz Bia Nunnes. Representando uma relação de subordinação do negro ao branco, muito comum nas ficções seriadas. O negro quase nunca é tido como um protagonista bem resolvido e com poder aquisitivo.

Em umas das cenas a patroa Leonor pede ajuda de Zulma, sua camareira, para guardar uma pulseira de valor recebida de um amante, para que seu parceiro não veja. Na mesma cena a funcionária se sente desconfortável e amedrontada pelo alto poder aquisitivo da joia, porém sua patroa tenta convencê-la que não há perigo uma vez que em seu braço, ~~no braço~~ ninguém suspeitaria que a pulseira fosse de valor. Ou seja, no braço de uma negra ninguém acreditaria que a peça seria original.

A tentativa de debate de preconceitos é superficial, pois a mulher negra termina a cena colocando a pulseira nos pulsos, sem qualquer questionamento à atitude de sua patroa. Uma cena que nada mais reforça estereótipos sociais e raciais e em nenhum momento discute o quão racista foi a atitude de Leonor. Além do racismo, percebe-se um paralelo que é formado pela naturalidade que se é tratada o ato. O que todo negro é pobre. A prova que tais representações atravessam a tela e se perpetuam é a de pessoas negras serem discriminadas por frequentarem lojas de artigos caros e valiosos, frequentadas por pessoas geralmente brancas e ricas.

Zulma, protagoniza outra cena forte de preconceito. A personagem decide ir em uma festa frequentada por pessoas de elite e brancas, as mesmas do círculo social de sua patroa. Ela tem como companhia um colega da patroa Leonor. Uma atriz presente na festa conta de seu novo personagem, uma mulher de “comunidade”, drogada, prostituta e sugere que Zulma a ajude com o personagem. No diálogo a camareira responde de maneira ríspida “Eu não sou prostituta, nem drogada”. Carmem, a atriz prossegue, “Mas vive na favela, né?”. Zulma se sente ofendida e se retira do local. Mais uma cena em que o preconceito social e racial é tratado de maneira ~~não~~ superficial, assim como na cena descrita acima. A personagem não cria um atrito acompanhado de um diálogo de empoderamento contra a violência sofrida. Ela apenas se retira da festa.

Soraia é uma cozinheira negra, constantemente assediada pelo seu patrão branco, reafirmando as relações históricas do senhor do engenho que tomava suas escravas. Os assédios são constantes. Em um episódio a personagem cede aos abusos de seu patrão e tem uma relação sexual com ele. Em uma das tentativas do homem por mais sexo, acontece o flagrante da patroa. Após sofrer ameaças da patroa de ser retirada por policiais, Soraia contorna a situação ameaçando denunciar o patrão por assédio.

A moça troca de emprego, mas a imagem da empregada negra sexualizada não muda. Em seu novo emprego ela se vê assediada tanto pelo seu patrão quanto por sua patroa. Sobre a trajetória de mulheres negras interpretando empregadas domésticas, Lima nos diz que:

Como nas décadas de 70 e 80, as empregadas domésticas da década de 90 são mantidas de modo constante e recorrente. Sempre presentes nas telenovelas, apresentam variações: herdeiras das mucamas, das amas-de-leite, bisbilhoteiras, irreverentes sem “saber o seu lugar”, submissas, objeto do desejo dos patrões. Algumas

mudanças podem se apresentar na “roupagem”, o que não compromete a essência da característica das personagens: foi encontrada, por exemplo, uma governanta que se apresentava maquilada e de vestido de seda; uma empregada mais falante e participante, que tem a patroa como modelo a ser imitado, ou mesmo a sedutora que, apesar de objeto sexual do patrão, manipula de modo mais consciente seus atributos de sedução. (LIMA, 2001, p.98)

Em outra cena, Soraia é atendida por um enfermeiro negro com quem acaba tendo um caso. Diante disso, ela começa a visitar o hospital com maior frequência e logo seu interesse é identificado por outra enfermeira, que fica enciumada. Com interferência da enfermeira, Soraia é atendida por uma médica branca. Mais uma vez vemos a não utilização de um médico negro, mas sim um enfermeiro.

Tilde, tem um relacionamento com um personagem branco, que ~~em um~~ no primeiro momento da relação tem vergonha de assumi-la como namorada, mas proíbe sem envolvimento com outros homens. Além do preconceito do parceiro, também sofre por parte de sua cunhada que, após um pedido de ajuda de Tilde, expõem o seguinte pensamento “O cabelo da Tilde me deu uma surra. Já disse ao Vinagre: Deus que me livre ter sobrinho com aquela carapinha”. A cunhada de Tilde, Gaúcha, posteriormente assume o relacionamento com um negro que insiste em dizer que é pardo. Após um bom tempo desempregada Tilde começa a trabalhar com eventos. Ela deve servir a elite branca e sambar para eles. É constantemente paquerada pelos clientes, mas em meio ao ambiente de assédio se vê motivada a voltar a estudar por uma colega de trabalho.

Percebe-se claramente o preconceito racial e o estereótipo da negra como “Globeleza”. Tilde foi contratada justamente pelo seu fenótipo de “mulata”, pelo seu corpo apto a sambar e entreter os homens que ela servia com muito mais do que ela carregava na bandeja. Servia-os também com seu corpo. A dificuldade de ser aceita e assumida pelo parceiro reforça os dados que expressam a dificuldade das mulheres negras de serem assumidas e manterem uma união estável.

O problema

“Sexo e a as Negas” se propõe a colocar mulheres negras como protagonistas, e mesmo ocupando esse lugar de maior prestígio nas tramas, elas são associadas à pobreza, baixa qualificação e sexualidade exacerbada. O racismo aparece no próprio nome, que re-

mete ao passado colonial, onde senhores usufruíam livremente dos corpos das suas escravas.

Na série, as personagens se encontram limitadas ao sexo e à busca incessante de um relacionamento. A delicada situação da solidão da mulher negra no país não foi levada em conta e nem tratado com zelo. No último Censo, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010¹², dados sobre a mulher negra brasileira chamaram a atenção. O levantamento apontava que, à época, mais da metade delas – 52,52% – não vivia em união, independentemente do estado civil.

Nas cenas expostas é notável uma espécie de conformidade, omissão, uma imagem de mulheres negras passivas à qualquer tipo de violência. Uma ausência de reconhecimento e empoderamento das personagens diante das violências sofridas em seus cotidianos.

Conclusão

Diante do apresentado, conclui-se que o problema do reforço e da validação de estereótipos raciais presentes na sociedade é algo que se arrasta há anos dentro da televisão brasileira. O personagem negro aparece sempre limitado em suas possibilidades de atuação sendo encaixado em papéis de subordinação aos brancos.

A escolha de mulheres negras como protagonistas não pode ser considerada um avanço dentro das situações já expostas, uma vez que elas ocupam papéis dentro de padrões raciais depreciativos. Os episódios que trazem a temática do racismo são extremamente superficiais e acabam por reforçar violências raciais ao em vez de proporcionar um aprofundamento na questão, uma crítica mais profunda. Nota-se uma discussão superficial em que as personagens quase nunca demonstram indignação, mas sim são conformadas e omisssas com as situações vividas e pouco sabem de seus direitos contra as violências sofridas. Um dos pontos questionados pelos movimentos étnicos.

A televisão atua na formação do imaginário de quem consome seus produtos, os telespectadores. Diante disso, as representações carregadas de estereótipos, de algum modo são internalizadas pelas pessoas e isso afeta as reproduções no convívio social e vão se enraizando como verdades. No caso de discursos racistas, por serem reproduzidos constante-

¹² IBGE. Censo Demográfico 2010. Disponível em:
http://www.biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_caracteristicas_populacao_domicilios.pdf

mente na televisão brasileira, não é diferente. Influenciado por tais representações estereotipadas, vemos reproduções discursivas como “cabelo crespo de negro é ruim” “o sexo das negras é fofoso” “o negro tem o pênis grande” entre outros.

“Sexo e as Negras” representa a mulher negra de maneira estereotipada, dentro de uma visão machista e racista, sem se preocupar com a trajetória histórica e social das negras. Não é levado em conta os 300 anos de cultura escravocrata em que seu corpo negro foi utilizado para prazeres sexuais de homens brancos ou de posição social significativa no contexto escravocrata. O corpo negro possui uma carga histórica. A série analisada apesar de oferecer o protagonismo para mulheres negras não traz uma novidade nessa representação.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil**. O negro na telenovela brasileira. 2.ed. São Paulo: Senac, 2004.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG: 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Vigilância em Saúde. Saúde Brasil 2005 – uma análise da situação de saúde**. Brasília: ministério da Saúde, 2005.

FÉRRRES, Joan. Os estereótipos como inversão da sedução. In: **Televisão subliminar: socializando através de comunicações despercebidas**. Por Alegre: Artmed, 1998.

LIMA, Solange Martins Couceiro de. **A personagem negra na telenovela brasileira: alguns momentos**. REVISTA USP, São Paulo, n.48, p. 88-99, dezembro/fevereiro 2000-2001.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. Identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 1999.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

Wylllys, Jean. Jean Wylllys fala sobre o seriado “Sexo e as Negras”. **Falabella E as Negras**, Youtube, 17 nov. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OkezQf1RRIU>. Acesso em: 12 jun, 2016.